



JACO PASTORIUS

tocava, eu gostava bastante de seu andamento de jazz em 4/4 e da abordagem para as baladas. Então, *Sightseeing* é uma das minhas favoritas. Há um desenho agradável nas batidas, frases e compassos entre baixo e bateria. Também gosto de *Port of Entry*, do Wayne, e *Madagascar*, do Joe, por causa de seu funk. No que se refere a baladas, *Speechless* é uma joia subestimada do álbum *Weather Report*. O CD e DVD gravado ao vivo em Offenbach, na Alemanha (1978) [*Live in Offenbach 1978*, do *Weather Report*], tem uma bela performance para *Young and Fine*. Ela captura e ilustra muito bem o jeito como nós tocávamos.

Jaco também ficou conhecido por seu distúrbio bipolar. Como isso se refletia no estúdio ou nos shows? Como lidavam com isso?

O transtorno de Jaco e os demônios de seu comportamento influenciado pelas drogas tomaram as turnês, performances e até mesmo as gravações, em última análise, assuntos infelizes e desafiadores. Logo, drogas e álcool trouxeram à tona a pior das personalidades. Além de seu comportamento maníaco-depressivo, tenho certeza de que era alcoólatra. O que começou como uma atitude socialmente aceitável (e até engraçada), no final dos anos 1970 e início dos 1980, tornou-se uma rotina debilitante, a qual levou à sua morte. Lamento que Jaco não tenha sido capaz de ficar e se manter sóbrio. Tenho muitos amigos sóbrios, que agora estão felizes. Já aqueles que não conseguem atingir a sobriedade, bem, tenho ido a todos os seus funerais. O transtorno e a morte de Jaco são uma das grandes tragédias musicais do nosso tempo. Quanta música incrível esse homem ainda estaria fazendo se estivesse conosco hoje!

O que jamais vai se esquecer de Jaco Pastorius?

Nunca vou esquecer o quão engraçado ele era. Tinha um grande senso de humor e, rapaz, conseguia manter-se concentrado no estúdio ou no palco. Jaco era totalmente entregue à música e divertido, além de ter opiniões fortes.

JACO PASTORIUS POR BRUNO MIGLIARI

Bruno Migliari é músico profissional, tem em seu currículo trabalhos com Frejat, Lobão, Milton Nascimento, entre outros, além de ter feito parte da banda do programa *The Voice Brasil* (TV Globo). Profundo admirador e um apaixonado pela obra de Jaco Pastorius, mantém um projeto dedicado à música do *Weather Report*, o quarteto *Weather Forecast*. No depoimento a seguir, ele comenta alguns dos principais aspectos do grande mestre. - **R.V.**

JACO PASTORIUS - UM LEGADO PARA OS BAIXISTAS

A história da música é povoada por personagens-chave, cujo surgimento inaugurou movimentos estéticos, ditou tendências ou até mesmo revolucionou. Jaco Pastorius é um deles. Integrante de um seletivo grupo (como John Coltrane e Jimi Hendrix), que, por meio de um profundo domínio do instrumento e de uma visão singular, mudou a forma como percebemos a música. Ampliou tanto os limites técnicos quanto os estéticos da linguagem.

Até o seu aparecimento, o baixo elétrico (então, um instrumento bastante jovem) tinha poucos ícones. Não havia um nome verdadeiramente virtuoso, uma figura emblemática, que alçasse o quatro-cordas à categoria de solista. Jaco estabeleceu um novo patamar, e o fez sustentado por três pilares:

Som único, pessoal e inconfundível

Um baixo Fender Jazz Bass sem trastes ligado a um par de amplificadores Acoustic 360. A escolha era absolutamente banal - eram ótimos baixo e amp, mas nada fora do padrão adotado por diversos músicos na época. Jaco tampouco foi o primeiro a tocar fretless - Alphonso Johnson (que o antecedeu no *Weather Report*) já usava, assim como os britânicos Bill Wyman (Rolling Stones) e Jack Bruce (Cream). Entretanto, como o próprio Jaco bradava, o som estava em suas mãos. Eu diria que estava, sobretudo, em seus ouvidos geniais. Na forma como "ouvia" o instrumento em sua cabeça, como o inseria dentro de um arranjo, fazendo com que as linhas de baixo ganhassem uma importância igual à da melodia (ou, por vezes, até maior). Altamente subversivo! Ao mesmo tempo, ele remetia ao barroco, especificamente a Johann Sebastian Bach (a quem prestou homenagem com *Fantasia Cromática*).

Dá para reconhecer sua presença em dois compassos de uma faixa. São poucos os baixistas com uma identidade musical tão distinta.

Formação musical eclética e abrangente

Jaco, embora se dissesse formalmente autodidata, bebeu em diversas fontes durante seus anos formativos. Ouvia muito R&B, funk e rock. Vivendo na Flórida, sempre esteve exposto ao latin jazz, à música caribenha e à afro-cubana. Seu pai, um baterista de jazz, o apresentou bem cedo à linguagem, que, por sua admirável abrangência, lhe serviu, anos depois, de tabuleiro para misturar os ingredientes que aprendera e utilizá-los em seu coquetel estético de alta octanagem.

Uma visão artística da música

Jaco nunca considerou o baixo ou a si próprio como o centro do que fazia. E a sua exuberância como instrumentista frequentemente ofusca a audição dos incautos. Sugere que se tratava "apenas" de um virtuoso. Ele transcende o personagem do virtuoso por meio de sua obra como compositor. Utilizava, sim, o baixo como ponto de partida (exemplos: *Portrait of Tracy* e *Continuum*) para o desenvolvimento de um tema (completo, com melodia, harmonia e contraponto. Tudo ali no baixo). Sempre se revelou um grande compositor e hábil fundidor de estilos, com músicas altamente elaboradas, nas quais seu talento de orquestrador reluzia de forma irrefutável.

